

Morfofonologia dos prefixos pessoais em Ikpeng (Karíb)¹

Frantomé B. PACHECO

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (USP)
frantome@uol.com.br

Abstract. *The allomorphs of personal prefixes in Ikpeng can be divided in two main groups: allomorphy morphologically determined and allomorphy phonologically determined. The prefix of inative set (or Set II) changes its phonological form depending on the initial segment of the radical to which it is added. If the radical begins with a consonant, the prefix will assume the form of vowel or consonant + vowel; if the radical begins with a vowel, then the prefix will assume the form of consonant or vowel + consonant. Those morphophonological processes can be explained by one general rule that blocks the occurrence of epenthetic phonetic material between the prefix and the base.*

Keywords. *Ikpeng/Txikão (Karíb); prefixation process; syllable; morphophonology.*

Resumo. *Os alomorfes dos prefixos pessoais em Ikpeng podem ser assim agrupados: alomorfes morfológicamente condicionados e alomorfes condicionados fonologicamente. Os prefixos da série inativa (Série II) adaptam-se ao segmento inicial do radical na silabificação. Assim, se o radical iniciar por vogal, o prefixo assumirá a forma de uma consoante (no caso da primeira, segunda e terceira pessoa) ou vogal+consoante (no caso da primeira inclusiva); se iniciar por consoante, a de uma vogal (quando se tratar da primeira, segunda e terceira pessoa) ou consoante+vogal (se se tratar da primeira inclusiva). Esses processos morfofonológicos podem ser explicados por uma regra bastante geral que impede a ocorrência de material fonético entre o prefixo e a base ao qual são anexados.*

Palavras-chave. *Ikpeng/Txikão (Karíb); processo de prefixação; sílaba; morfofonologia.*

0. Introdução

A língua Ikpeng² pertence à família Karíb e é falada pelo povo de mesma autodenominação que habita a parte central do Parque Indígena do Xingu, nas proximidades do Posto Indígena Pavuru, contando atualmente com mais de duzentos e cinquenta falantes, incluindo-se membros incorporados através de casamentos de alguns Ikpeng com pessoas de outras etnias do parque.

O trabalho pretende apresentar uma proposta de descrição para as alomorfias dos prefixos pessoais, que podem ser classificadas como alomorfia morfológicamente condicionada ou fonologicamente condicionada. A do segundo tipo é determinada, entre

outros fatores, pela natureza do segmento inicial da primeira sílaba do radical, estando aí implícitas a estrutura silábica e os traços segmentais associados ao prefixo pessoal.

Os dados e parte das análises sobre os aspectos morfofonológicos aqui discutidos estão presentes em PACHECO (1997, 2000 e 2001) e CAMPETELA (1997). A fonologia segmental toma como ponto de partida os trabalhos de EMMERICH (1980 e 1994).

1. Considerações teórico-metodológicas preliminares

Segundo Haspelmath, existem os seguintes tipos de alomorfia: (i) alomorfia fonológica, na qual os alomorfes podem ser descritos por uma regra de pronúncia (articulação/produção); (ii) alomorfia supletiva fraca, na qual os alomorfes exibem alguma similaridade estrutural, mas isso não pode ser descrito por uma regra fonológica, como em (i); (iii) alomorfia supletiva forte, na qual os alomorfes não exibem nenhuma similaridade estrutural como um todo, apesar de semanticamente interconectados.

As alomorfias estão associadas a diversos tipos de condicionamento como: (a) condicionamento fonológico, no qual a mudança dos alomorfes depende do contexto fonológico (adjacência de segmentos, acentuação e ritmo); (b) condicionamento morfológico, no qual a mudança dos alomorfes depende do contexto morfológico (tipo de morfema ou categoria gramatical envolvida); (c) condicionamento lexical, no qual a mudança dos alomorfes depende do item lexical individual (estando aqui envolvidas formas lexicais e paradigmas irregulares).

As alternâncias sonoras, relacionadas à realização ou pronúncia de um dado morfema, podem ter uma natureza eminentemente fonética, restringidas pela pronúncia ou estilo de fala, ou podem estar ligadas a fatores de ordem mais gramatical (envolvendo a morfologia e a fonologia, entendidas aqui como representações subjacentes). Na Fonologia Lexical, as alternâncias automáticas são consideradas pós-lexicais, enquanto que as morfofonológicas são processadas no nível/módulo lexical (cf. Jensen, 1990). Seguindo Haspelmath (2002), apresentamos as seguintes diferenças entre essas alternâncias:

Tabela 1: Tipos de alternâncias sonoras encontradas nos alomorfes³

<i>Alternâncias automáticas</i>	<i>Alternâncias morfofonológicas</i>
O processamento fonético ajuda.	O processamento fonético não necessariamente ajuda.
Foneticamente coerente.	Não necessariamente coerente foneticamente.
Alternantes são foneticamente próximos.	Alternantes podem ser foneticamente distantes.
Condicionadas apenas fonologicamente.	Pelo menos em parte morfológicamente ou lexicalmente condicionadas.
Pode ser opcional e sensível ao estilo da fala.	Obrigatório, não sensível ao estilo da fala.

2. Informações gerais sobre a fonologia segmental e tipos silábicos em Ikpeng

Como afirmamos em outros trabalhos (Pacheco, 1997 e 2001), os fonemas consonantais da língua podem ser agrupados, segundo o modo de articulação, em seis categorias: os plosivos, o africado, os nasais, o lateral, o *tap* e os *glides*; os vocálicos, segundo três parâmetros: altura, posterioridade e arredondamento, conforme as tabelas abaixo (ver também Campetela, 1997; Emmerich, 1994):

Tabela 2: Fonemas vocálicos

	<i>Anterior</i>	<i>Central</i>	<i>Posterior</i>
<i>Alta</i>	i	i	u
<i>Média</i>	e		o
<i>Baixa</i>		a	
	<i>Não arredondada</i>		<i>Arredondada</i>

Tabela 3: Fonemas consonantais

	Bilabial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar
Plosiva	p	t			k g
Africada			tʃ		
Nasal	m	n			ŋ
Lateral		l			
Tap		r (=r)			
Glide	w			y (=j)	

A seguir, observem-se algumas ocorrências dos fonemas da língua⁴:

(1) Ocorrências de fonemas vocálicos:

a. /kurita/	[kuri'ta]	'curica'	b. /rere/	[rɛ'rɛ]	'morcego'
c. /irip/	[i'ripʷ]	'quente'	d. /anat/	[a'natʷ]	'milho'
e. /inot/	[i'notʷ]	'pequi'	f. /urot/	[u'rɔtʷ]	'índio bravo'
g. /ouro/	[ou'rɔ]	'casa'	h. /roro/	[rɔ'rɔ]	'papagaio'

(2) Ocorrências de fonemas consonantais:

a) /petkom/	[pɛt'kɔm]	'mulher'	b) /aŋpi/	[ãŋ'pi]	'criança'
c) /moropo/	[mɔrɔ'pɔ]	'bolsa'	d) /nunɔ/	[nu'nɔ]	'lua'
e) /tʃitʃi/	[tʃi'tʃi]	'sol'	f) /gegi/	[gɛ'gi]	'meu animal de estimação'
g) /amero/	[amɛ'rɔ]	'tracajá'	h) /alɔ/	[a'lɔ]	'mentira'
i) /yepka/	[jep'ka]	'jirau'	j) /wawi/	[βa'βi]	'peixe-cachorro'

Os contextos que determinam as realizações (alofonias) dos fonemas vocálicos e consonantais são descritos por Pacheco (2001), Campetela (1997) e Emmerich (1980).

2.1 Inventário de sílabas do Ikpeng

Os tipos de sílabas encontrados em Ikpeng são⁵:

Tabela 4: Tipos de sílabas

<i>Tipo</i>	<i>Posição inicial de palavra</i>	<i>Posição não-inicial de palavra</i>
-------------	-----------------------------------	---------------------------------------

	<i>Forma subjacente</i>	<i>Silabificação</i>	<i>Forma subjacente</i>	<i>Silabificação</i>
CV	karake 'bonito'	[ka.ra.'kɛ]	parapi 'borboleta'	[pa.ra.'pi]
	talagapi 'barata'	[ta.la.ga.'pi]	kara 'arara'	[ka.'ra]
V⁶	anat 'milho'	[a.'nat]	tae 'macaco'	[ta.'ɛ]
	opo 'borduna'	[ɔ.'pɔ]	awiana 'porco'	[a.βi.a.'na]
VC	ampirak 'mosquito'	[am.pi.'rak]	oet 'mangaba'	[o.'ɛt]
	otko 'tatu'	[ɔt.'kɔ]	amiam 'moça'	[a.mi.'am]
CVC	kok 'noite'	['kɔk]	iramna 'jacaré'	[i.ram.'na]
	taktori 'panela'	[tak.to.'ri]	kiritpo 'preto'	[ki.rit.'pɔ]

As seqüências envolvendo oclusiva+líquida não são consideradas um novo tipo silábico, isto é, **•CCV•**, posto que: (a) não ocorrem em início de palavra; (b) criar-se-ia uma complexidade desnecessária, pois tais seqüências podem ser interpretadas como membros de sílabas diferentes, isto é, a oclusiva como parte da *coda* e a líquida como parte do *ataque* subsequente. Emmerich (1980: 32), ao analisar os *clusters* oclusiva+líquida, afirma que foi registrada variação livre entre [V.CCV] e [VC.CV], como, por exemplo, em: [i.bri] e [ib.ri] ('flecha dele')⁷. Observamos, também, a mesma variação e optamos pela análise de Emmerich, descartando a opção pelo *ataque* complexo.

Quanto à distribuição dos segmentos nas posições silábicas (*ataque*, *núcleo* e *coda*), observou-se que apenas os segmentos /l, r, tʃ/ não ocorrem em coda e que a nasal velar /ŋ/ não aparece iniciando palavras. Com relação ao acento, pode-se afirmar que ele não é distintivo em nível lexical, estando a sua realização associada à última sílaba da palavra fonológica.

3. Alomorfia dos prefixos pessoais em Ikpeng: tipos de condicionamento

A língua Ikpeng possui duas séries de prefixos que indicam as pessoas gramaticais nos verbos, nomes e posposições. A primeira série (Série I) indica o argumento mais agentivo nos verbos transitivos (argumento A), bem como o argumento único dos verbos intransitivos ativos (argumento Sa). Esta série não se prefixa nem a nomes, nem a posposições. A segunda (*Série II*) indica o argumento mais afetado (paciente ou tema) dos verbos transitivos, bem como o argumento único dos verbos inativos (argumento So), o objeto pronominal da posposição e a pessoa do possuidor nos nomes possuíveis. Esta série também ocorre nos núcleos das construções relativas, indicando uma das pessoas do núcleo transitivo verbal. A Série II apresenta uma cisão determinada prosodicamente, pois está associada ao segmento inicial da primeira sílaba do radical. Assim, os alomorfes V/CV ocorrem diante de radicais iniciados por consoante; os alomorfes C/VC, diante de radicais iniciados por vogais. Note-se, no entanto, que a forma [uk-] está relacionada a um conjunto de radicais iniciados por consoante oclusiva, o que se constitui numa forma irregular.

As alomorfias dos morfemas marcadores de pessoa podem estar associadas a dois tipos de condicionamentos⁸: 1) *condicionamento morfológico*: as alomorfias são determinadas pelo contexto morfológico ou gramatical. É o que determina o emprego

dos alomorfes da Série I, que indicam o argumento mais agentivo nos verbos, e da Série II, que indicam o paciente ou tema nos verbos, a pessoa do possuidor nos nomes, bem como o objeto pronominal das posposições; 2) *condicionamento fonológico*: a escolha dos alomorfes depende do contexto fonológico. É o que determina a escolha dos alomorfes *C/VC*, que ocorrem diante de radicais iniciados por vogais, e *V/CV*, que ocorrem diante de radicais iniciados por consoante. Incluem-se aqui os processos de lenização e queda de segmentos, palatalização da oclusiva alveolar e harmonia vocálica, conforme veremos nas seções seguintes.

No quadro abaixo, resumem-se as possíveis formas dos marcadores de pessoa. A seguir, descrevemos os condicionamentos e os processos fonológicos envolvidos na realização dos prefixos pessoais.

Tabela 5: Séries de prefixos pessoais

Pessoa	Série I	Série II	
		Alomorfe V/CV	Alomorfe C/VC
1	k –	i –	g –
2	m –	o –/a –	w –
1+2 [INC]	kut –	wi –/uk –	ugw –
3	Ø –	i –/e –	y –

3.1. Condicionamento morfológico: as Séries I e II de prefixos pessoais

Como afirmamos anteriormente, as séries de prefixos distinguem duas classes de verbo intransitivo: a classe dos verbos ativos/Sa (ou inergativos) e a classe dos verbos inativos/So (ou inacusativos). Lembramos que na Série II há uma alomorfia determinada pela natureza do segmento inicial do radical ao qual o morfema se prefixa (note-se que *-li* indica passado recente):

(3) Exemplos de paradigmas verbais intransitivos

Paradigma da Série I	Paradigma da Série II	
	Radical V-inicial	Radical C-inicial
a. k -aranme-li 'eu corri'	a. g -aginum-li 'eu chorei'	e. i -laktetke-li 'eu cuspi'
b. m -aranme-li 'você correu'	b. w -aginum-li 'você chorou'	f. a -laktetke-li ⁹ 'você cuspiu'
c. kur -aranme-li 'nós corremos'	c. ugw -aginum-li 'nós choramos'	g. wi -laktetke-li 'nós cuspimos'
d. Ø -aranme-li 'ele correu'	d. y -aginum-li 'ele chorou'	h. i -laktetke-li 'ele cuspiu'

3.2. Condicionamento fonológico: alomorfes V/CV e alomorfes C/VC

Conforme já afirmado, os prefixos da Série II adaptam-se ao radical ao qual são prefixados, assumindo a forma de V/CV ou C/VC. Os exemplos abaixo ilustram esse fenômeno. Por questões de espaço, os exemplos estão flexionados apenas para primeira pessoa (alomorfe *V* ou *C*) e primeira inclusiva (alomorfe *VC* ou *CV*):

Tabela 6: Algumas ocorrências de alomorfes da Série II

<i>Categoria</i>	<i>Pes.</i>	<i>Alomorfe V/CV</i>		<i>Alomorfe C/VC</i>	
Verbo inativo	1	i-laktetke-li	'eu cuspi'	g-aginum-li	'eu chorei'
	1+2	wi-laktetke-li	'nós cuspimos'	ugw-aginum-li	'nós choramos'
Nome possuído	1	i-pu-n	'meu pé'	g-ew-ri	'minha casa'
	1+2	wi-pu-n	'nosso pé'	ugw-ew-ri	'nossa casa'
Posposição	1	i-keni	'a mim' (lit.: 'é meu')	g-alon	'na minha frente'
	1+2	wi-keni	'a nós' (lit.: 'é nosso')	ugw-alon	'na nossa frente'

3.3. Regras automáticas

Algumas mudanças na realização do morfema de primeira inclusiva da série ativa /**kut**-/ e na de segunda da série inativa /**o**-/ são determinadas por processos fonéticos, que se aplicam independentemente da categoria gramatical envolvida, tal como apresentado abaixo:

A) Alomorfes de /**kut**-/: o morfema de primeira inclusiva ativa apresenta os seguintes alomorfes:

- /kw-/ ocasionado pela queda de [r] (note-se que /t/ → [r] → Ø):

(4) kut-aranme-li → [kwaanme'li] 'Nós corremos'
1+2Sa-correr-Rec

- /kur-/ diante de vogais diferentes de /i/:

(5) kut-origu-li → [kurorigu'li] 'Nós dançamos'
1+2Sa-dançar-Rec

- /kutʃ/ diante de vogal /i/:

(6) ma kut-ip-ta → [makutʃip'ta] 'Vamos tomar banho?'
Exort 1+2Sa-tomar.banho-Mov

- /kut/ diante de consoantes:

(7) kut-poŋ-li → [kutpoŋ'li] 'Nós o encontramos'
1+2A3O-encontrar-Rec

Os radicais intransitivos ativos apresentam uma idiossincrasia: começam pelas vogais /o/ ou /a/, pois derivam diacronicamente de verbos reflexivizados. Assim, tanto /ar/ quanto /or/ que iniciam os verbos dessa categoria são provavelmente alomorfes do reflexivo /ot-/, num estágio anterior da língua, mas que perderam, sincronicamente, o estatuto de reflexivo e formam com a raiz verbal um único lexema.

B) Alomorfes de /**o**-/: o morfema de segunda pessoa da série inativa apresenta um alomorfe determinado por uma regra de harmonia vocálica, caracterizada pela perda do arredondamento e abaixamento da vogal /o/:

(8) a) o-emin-ke → [oemiŋ'ke] 'Você está com fome?'
2So-barriga-Verbz

b) o-laktetke-li → [alaktetke'li] 'Você cuspiu'
2So-cuspir-Rec

C) Alomorfia da primeira pessoa inclusiva em nomes: os prefixos pessoais, conforme dito anteriormente, ocorrem nos nomes possuídos¹⁰, indicando a pessoa do possuidor (GEN). Abaixo, apresenta-se um quadro com exemplos contendo os alomorfes do morfema pessoal que indica a primeira pessoa inclusiva (1+2) nos nomes:

Tabela 7: Alomorfes da primeira pessoa inclusiva em nomes possuídos

<i>Alomorfe</i>	<i>Condicionamento</i>	<i>Exemplo</i>	<i>Tradução</i>
wi-	diante de consoante não-oclusiva e de oclusiva seguida de /u/	a) wi-pu-n ¹¹ 1+2-pé-Pos b) wi-mta-n 1+2-palavra-Pos	'nosso pé' 'nossa palavra'
uŋ-	diante de consoante nasal seguida de vogal	b) uŋ-mano-Ø 1+2-irmão-Pos	'nosso irmão'
uk-	diante de consoante oclusiva	c) uk-pora-n 1+2-boca-Pos d) uk-top-tʃi 1+2-arco-Pos e) uk-tamru-Ø 1+2-avô-Pos	'nossa boca' 'nosso arco' 'nosso avô'
ug-	diante da vogal /i/ ¹²	f) ug-ume-Ø ¹³ 1+2-pai-Pos g) ug-ure-Ø ¹⁴ 1+2-mãe-Pos	'nosso pai' 'nossa mãe'
ugw-	diante da vogal /a/ e /e/	h) ugw-apo-n 1+2-borduna-Pos i) ugw-erem-Ø 1+2-chefe-Pos	'nossa borduna' 'nosso chefe'

Note-se que, entre os alomorfes da primeira inclusiva, encontra-se **uk-** diante de consoante oclusiva; **wi-**, ocorrendo nos radicais iniciados pela plosiva labial seguida de /u/, que se realiza foneticamente como uma fricativa bilabial, e diante das consoantes não plosivas (como em *wi-mta-n* 'nossa palavra'); **ugw-** diante das vogais /a, e/; a forma **uŋ-** ocorre diante de consoante nasal seguida de vogal; **ug-**, nos demais contextos.

4. Natureza das alomorfias da Série II

Antes de apresentarmos nossa proposta de análise, indicamos os traços fonológicos relevantes para a análise proposta nos parágrafos seguintes. Os traços para Ponto, empregados tanto para consoantes como para vogais, são os propostos por Clements (1993), com algumas adaptações seguindo a proposta de Hale (1992) (para mais detalhes sobre o funcionamento dos traços, cf. Clements & Hume, 1995, entre outros):

Tabela 8: Traços associados às Consoantes

[+ consonantal]		[labial]	[coronal]		[dorsal]
			[+ant]	[-ant]	
[-sonorante]	[-voz], [-cont]	p	t		k
	[+voz], [-cont]				g
	[-voz], [-cont]			tʃ	
[+sonorante]	[+nasal]	m	n		ŋ
	[+cont]		l		
	[-cont]		r		
	[+cont]	w	y		

Tabela 9: Traços associados às Vogais¹⁵

[-consonantal]	[labial]	[coronal]	[dorsal]
[+ alta]	u	i	i
[- alta]	o	e	a
	[+arredondada]	[-arredondada]	

Note-se que a alomorfa dos prefixos da Série II (não ativa) é orientada, prioritariamente, pela sílaba inicial do radical, que restringe o tipo de segmento – consonantal ou vocálico – a ocupar as posições vazias na estrutura da sílaba inicial da palavra que está sendo formada (e que resulta numa palavra flexionada). Portanto, há variação apenas na natureza do(s) segmento(s) associado(s) ao morfema pessoal, que pode(m) assumir uma forma [+consonantal] ou [-consonantal]. Os traços de ponto coincidem, isto é, são [dorsal] e [labial] para a primeira e segunda pessoas, respectivamente. Veja-se, pois, que /i-/ e /g-/ são dorsais; /o-/ e /w-/, labiais. O mesmo pode ser observado na primeira pessoa inclusiva, que reúne traços da 1ª e da 2ª pessoas em que /wi-/ e /ugw-/ alternam (além da forma [uk-], que ocorre diante de radicais iniciados por consoante oclusiva). A partir disso, pode-se afirmar que o traço [consonantal] está subespecificado na forma subjacente dos morfemas analisados¹⁶.

Acrescente-se que o fenômeno acima descrito ocorre por ser proibida a inserção de segmentos no nível fonético, ou seja, a língua, no lugar de inserir segmentos, prefere apagá-los, seguindo uma tendência já observada em outras línguas da família (cf. sobre esse aspecto Gildea, 1995).

5. Considerações finais

Procurou-se mostrar neste trabalho que há dois tipos de alomorfa em Ikpeng: uma condicionada morfologicamente, separando os alomorfes em duas séries, uma ativa (Série I) e outra não-ativa/inativa (Série II); outra, condicionada fonologicamente, que separa os alomorfes da Série II em V/CV e C/VC: o alomorfe V/CV ocorrerá diante de consoantes e o alomorfe C/VC diante de vogais (sem contar as formas irregulares do inclusivo, como [uk-], que ocorre diante de radicais iniciados por consoante oclusiva). Assim, a forma do prefixo obedece a restrições impostas pelo primeiro segmento da sílaba inicial do radical. A partir da análise realizada, pode-se afirmar que: (a) o traço [consonantal] ocorre subespecificado, havendo especificação dos traços de ponto no

nível subjacente; (b) a mudança observada na realização fonética é determinada por uma restrição que proíbe a epêntese.

¹ A proposta de descrição aqui apresentada foi discutida com os professores Angel Corbera Mori, Bernadete Abaurre e Filomena Sândalo durante o curso de Doutorado no IEL/UNICAMP. Agradeço, igualmente, ao Prof. Marcos Pereira pela leitura e sugestões oferecidas, e aos professores Lucy Seki (UNICAMP) e Waldemar Ferreira Netto (USP) pelo apoio dado à pesquisa da língua no Doutorado e no Pós-Doutorado, respectivamente. Os eventuais equívocos são de minha inteira responsabilidade.

²² *Ikpeng* é a autodenominação do povo que é conhecido na literatura antropológica por “Txikão”. Mais informações sobre a cultura *Ikpeng* podem ser obtidas em Menget (2001), bem como no site do Instituto Socioambiental: www.socioambiental.org.br.

³ As características elencadas no quadro são aquelas relevantes para a descrição dos dados da língua. Outras podem ser enumeradas, dependendo do fenômeno a ser investigado. Para uma lista mais extensa, cf. Haspelmath (2002) e Jensen (1990), entre outros.

⁴ A transcrição fonética adotada é a *ampla*, ou seja, representam-se apenas as informações fonéticas relevantes, sem muito detalhamento articulatório.

⁵ Abreviaturas: A: sujeito de verbo transitivo; EXORT: exortativo; GEN: genitivo; INC: inclusivo; MOV: movimento; NOMZ: nominalizador; O: objeto; PN: passado nominal; POS: posse; POSP: posposição; REC: passado recente; REF: reflexivo; Sa: sujeito de verbos intransitivos ativos; So: sujeito de verbos intransitivos inativos; VERBZ: verbalizador; 1: primeira pessoa; 2: segunda pessoa; 1+2: primeira inclusiva; 3: terceira pessoa.

⁶ Foi notada, entre os falantes, uma variação entre CV.V e CVV, como em *tae* que pode ser monossilábico [tae] ou bissilábico [ta.ɛ].

⁷ Esse fato pode ser observado em outros casos como /karake + pra/ [bonito+NEG] → [ka.ra.kep.ra], alternando com [ka.ra.ke.bra].

⁸ Seguimos, em linhas gerais, as definições propostas por Haspelmath (2002).

⁹ O morfema {o-} se realiza como [a-] diante de radicais iniciados por consoante seguida pela vogal /a/.

¹⁰ Os nomes possuídos aparecem marcados com o sufixo de posse (-n ~ -ru ~ -lu ~ -ri ~ -tʃi ~ -Ø). Note-se que os alomorfes do sufixo genitivo apresentam uma consoante coronal e uma vogal alta.

¹¹ A representação fonética de /wɪpʊn/ é [wɪɸʊn]. Isso ocorre porque o fonema /p/ se realiza como [ɸ] diante da vogal alta arredondada /u/.

¹² Pode-se considerar que /i/ recebe o traço [labial] da primeira inclusiva, realizando-se como /u/ na forma superficial. Note-se, no entanto, que é apenas uma hipótese a ser confirmada. Cf. dados nas notas seguintes.

¹³ A forma /ugume/ é empregada para designar o chefe da casa. Parece ser uma forma arcaica, e faz parte de um paradigma irregular: *ɪ-roymɪ* ‘meu pai’; *uŋ-me* ‘teu pai’; *ug-ume* ‘nosso pai’; *yokore Ø-imɪ* ‘pai de Iokoré’. As formas do paradigma são supletivas.

¹⁴ A forma /ugure/ parece fazer parte de um paradigma irregular como ocorre com a forma /ugume/. Cf. *ɪ-roye-Ø* ‘minha mãe’; *uk-te* ‘tua mãe’; *ug-ure* ‘nossa mãe’; *yokore ye* ‘mãe de Iokoré’. Sustenta-se que tais formas sejam supletivas.

¹⁵ Apesar de Clements (1990) considerar a vogal /i/ a menos marcada, ela foi colocada como dorsal por alternar com /g/, uma dorsal, nos processos de prefixação.

¹⁶ Assumimos aqui a seguinte noção de subespecificação (*underspecification*), apresentada por Inkelas (1994: 1): *the state of affairs in which a segment which surfaces with some phonological material M is not specified for M in the input to some phonological level*. Devido a restrições de espaço, essa questão não será aprofundada neste artigo.

Referências Bibliográficas

CAMPETELA, C. Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua *Ikpeng* (Karíb), 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.

-
- _____. Aspectos prosódicos da língua Ikpeng, 2002. Tese (Doutorado em Lingüística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
- CLEMENTS, G. N. Lieu d'articulation des consonnes et des voyelles: une théorie unifiée. In: Bernard Laks & Annie Rialland (org.) *Architecture des représentations phonologiques*. Paris: CNRS Editions, 1993. p. 101-145.
- _____. & E. Hume. Internal organization of speech sounds. In: J. Goldsmith (org.) *Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 245-306
- EMMERICH, C. A fonologia segmental da língua Txikão: um exercício de análise. *Lingüística X*. Rio: Museu Nacional/UFRJ, 1980.
- _____. The Txikão Language: Fricatives or no fricatives? *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos 8: Lingüística Tupi-Guarani/Carib*, p. 65-72, 1994.
- GILDEA, S. A comparative description of syllable reduction in the Cariban language Family. *IJAL* 61, p. 62-102, 1995.
- HALLE, M. Phonological features. In: W. Bright (org.) *International Encyclopedia of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1992. p. 207-212.
- HASPELMATH, M. *Understanding morphology*. London: Arnold, 2002.
- INKELAS, S. The consequences of Optimization for Underspecification. Berkeley: University of California. Ms., 1994.
- JENSEN, J. T. *Morphology: word structure in Generative Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- MENGET, P. *Em nome dos outros: classificação das relações sociais entre os Txicão do Alto Xingu* (Trad. de Gonçalo Praça). Lisboa: Assírio & Alvim/Museu Nacional de Etnologia, 2001.
- PACHECO, F. B. *Aspectos da gramática Ikpeng (Karíb)*, 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
- _____. Licenciamento de *Onset* e *Coda* em Ikpeng (Karíb): uma proposta de análise dentro da Teoria da Otimalidade. Comunicação apresentada no II Congresso Nacional da ABRALIN. Florianópolis-SC: UFSC, 1998.
- _____. Alomorfia dos prefixos pessoais em Ikpeng (Karíb): uma proposta de análise dentro da teoria da otimalidade. Texto apresentado para qualificação na Área de Fonologia. Campinas: IEL/UNICAMP, 2000.
- _____. Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karíb), 2001. Tese (Doutorado em Lingüística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
- _____. Morfologia, uso e mudança: considerações funcionais sobre os paradigmas verbais e nominais da língua Ikpeng (Karíb). Texto apresentado no VI Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul (CelSul). Florianópolis: UFSC, 2004.